

## **Teatro-fórum e relações de gênero: análise de uma prática pedagógica na escola pública**

Fabiane Tejada da Silveira

Professora Assistente no Instituto de Artes e Design da UFPel

Doutoranda em Educação no Programa de Pós Graduação em Educação da Faculdade de Educação da UFPel

Dirlei de Azambuja Pereira

Mestre em Educação- PPGE/UFPel

Professor do Instituto Estadual de Educação Ponche Verde – Piratini/RS

Resumo: Este texto é resultado das reflexões de um Projeto de Pesquisa na escola que se propôs, por meio do Teatro do Oprimido e da pedagogia dialógica freiriana, discutir as relações que se estabelecem entre crianças enquanto conversam e brincam na escola. Após observarmos o recreio e os comportamentos de meninas e meninos, concluímos que as relações estabelecidas por eles e elas prejudicam sua convivência. Meninas e meninos quase sempre brincam em grupos separados quando surge uma iniciativa por parte de algum membro destes grupos em dividirem as brincadeiras com membros de outro grupo, observamos um desconforto quase natural, uma segregação advinda do grupo que têm a maioria de meninos ou meninas. Buscando compreender, erradicar ou minimizar tal segregação é que realizamos este estudo.

Palavras- chave: Teatro-Fórum; relações de gênero; escola pública; Paulo Freire; Augusto Boal

### **O teatro e a escola: breves considerações**

A partir dos anos 80, no Brasil, principalmente fundamentados numa “abordagem histórico-cultural do desenvolvimento”, concebida frente aos estudos de Vygotsky ou subsidiados pelos estudos da teoria psicogenética de Piaget começamos a perceber uma atenção maior por parte dos educadores em relação ao desenvolvimento de pesquisas sobre teatro e educação. Alguns desses estudos enfocam na capacidade de dramatizar da criança, que está presente desde o momento em que esta começa a interagir com o jogo de faz-de-conta. Ao brincar em grupo ou individualmente, a criança, ao dramatizar, expõe suas emoções, ações culturalmente internalizadas pelo grupo social onde vive, desenvolvendo assim sua linguagem de diferentes formas, bem como sua socialização.

Observamos que a criança chega à escola e esta capacidade natural é sufocada por uma “educação bancária”, criticada por Paulo Freire, que vê no educador o “detentor” do saber e o educando como uma “tábula rasa”, sem possibilidade de expor a sua “leitura de mundo”. Entendemos que o teatro pode estar na contramão desta concepção de educação porque justamente favorece espaço para a criação; faz com que a criança seja sujeito de sua aprendizagem; promove a criatividade; desenvolve o princípio da alteridade na escuta do outro; propicia o diálogo entre as crianças fazendo com que elas desenvolvam a capacidade de reflexão sobre seus processos de criação e sobre seu estar no mundo.

Precisamos construir o espaço para o teatro na escola. Na obra dialogada que Paulo Freire escreve com Ira Shor (2003), o educador brasileiro destaca a importância de percebermos a educação como um momento artístico, refletindo que “o conhecer” é algo “belo”, porque é desvendar um objeto. O “desvendamento dá ‘vida’ ao objeto, chama-o para a ‘vida’, e até mesmo lhe confere uma nova ‘vida’”. Isto é uma tarefa artística, porque nosso conhecimento tem qualidade de dar vida, criando e animando os objetos enquanto os estudamos.” Podemos fazer a mesma relação com o significado da prática teatral na escola. Eu vivencio experiências de “ser outro”, para desvendar a vida deste ser/personagem. Vou me formando, criando, recriando e interpretando novos papéis e personagens para compreender, dar vida e reinventar o mundo. Nesta perspectiva procuramos promover ações teatrais na escola em que nos inserimos como sujeitos e/ou pesquisadores.

### **Teatro-fórum na escola e relações de gênero: reflexões e possibilidades**

As discussões sobre o conceito de gênero tornam-se evidentes a partir da década de 80 frente às teorias dos estudos feministas (COSTA, 2003, p. 31). Vianna e Ridenti (1998, p. 96), ao discorrerem sobre o tema, declaram:

Em nossa sociedade, as desigualdades entre homens e mulheres são fortemente atribuídas às distinções de sexo, com evidentes conotações biológicas. Assim, sexo se remete às diferenças físicas entre homens e mulheres. Todos nascemos com algumas características que são específicas para homens e mulheres. [...] Muitas vezes essas características distintas são usadas pelos indivíduos na construção de um conjunto de representações sociais e culturais, valores e atribuições sociais. Isso é o que chamamos de gênero.

Ao observarmos a origem do problema na relação de gênero entre mulheres e homens, percebemos que nas mais diferentes manifestações, houve a construção de um estereótipo de *ser homem* e *ser mulher*. O homem é um “ser forte, viril, inteligente, destemido e provedor”, e a mulher, “pessoa meiga, frágil, tranquila, submissa e responsável pelas tarefas do lar”. Tais modelos perpetuaram-se no decorrer da história e ainda, em pleno Século XXI, se fazem presentes nas representações dos papéis sociais de cada um. Não podemos deixar de destacar a influência dos valores culturais, religiosos e morais na construção desses modelos.

Na escola, como não poderia ser diferente, visto que esta se encontra dentro do corpo social, estas relações de gênero se evidenciam tanto nos modos de agir e brincar das crianças, nos juízos de valor que fazem quando um comportamento de um colega ou de uma colega destoia das referências que têm do que é ser menino e ser menina, quanto nas relações dos(as) professores(as) com seus(suas) alunos(as). Essa diferenciação do que é próprio para meninos e impróprio para meninas, e vice-versa, acontece das mais diversas

formas, tanto explícitas, como veladas. Entretanto, apenas observar que há um problema nas relações entre meninos e meninas na escola não resolve. Os(as) estudantes devem ser convidados a debater esta relação. Então, como poderia ser feito este debate sem dar as crianças respostas, mas provocando-as a pensar sobre as alternativas que podem emergir frente à problemática posta em jogo. Nesta etapa nos perguntamos, como o teatro, pode ser um instrumento capaz de problematizar as relações de gênero na escola?

Recorremos ao Teatro do Oprimido criado por Augusto Boal, principalmente pela relação desta proposta com a obra *Pedagogia do Oprimido* de Paulo Freire. Tanto o Teatro do Oprimido de Boal quanto a *Pedagogia do Oprimido* de Freire buscam refletir sobre as situações opressoras em que mulheres e homens se encontram. A partir da reflexão sobre as situações de opressão que se estabelecem em diferentes contextos, o Teatro e a *Pedagogia do Oprimido* propõem que nos engajemos numa luta permanente em busca pela libertação<sup>1</sup>.

O Teatro-Fórum é uma das “técnicas” do Teatro do Oprimido com que trabalhamos, nesta proposta, problematiza-se uma situação de opressão e os espect-atores devem interferir na mesma, indicando caminhos viáveis para a solução do problema apresentado. Os espect-atores também tornam-se protagonistas da peça. Segundo Boal (1998, p. 28 - 29):

Existem muitas formas e estilos em teatro, e todas são boas e ótimas, mas todas têm igualmente suas limitações: o Teatro-Fórum se aplica ao estudo de situações sociais bem claras e definidas – opressões interiorizadas devem ser estudadas com técnicas do *Arco-íris* do desejo. As soluções propostas pelo protagonista dentro da estrutura da peça que servirá de modelo ao debate-fórum devem conter pelo menos uma falha política ou social que deverá ser analisada durante a sessão de fórum. Estes erros devem ser expressos claramente, e cuidadosamente ensaiados, em situações bem definidas. Isto acontece porque o Teatro-Fórum não é teatro-propaganda, não é o velho teatro didático; ao contrário, é pedagógico, no sentido de que todos aprendemos juntos, atores e plateia.

A relação estabelecida com a “plateia” possibilita um bom fórum, dito de outro modo, diante da situação inicial teatralizada e das modificações que os espect-atores promovem na cena. Isso provoca um debate sobre a situação de opressão e as possibilidades de mudança desta situação. Neste exercício teatral, o objetivo é proporcionar aos jogadores a aprendizagem *no* e *com* o grupo. É importante destacar também que, neste jogo, mulheres e homens começam a conhecer “[...] o arsenal dos opressores e as possíveis

<sup>1</sup> Ao falar sobre o tema libertação, Freire (1987, p. 35-67) afirma que: “A libertação, por isto, é um parto. E um parto doloroso. O homem que nasce deste parto é um homem novo que só é viável na e pela superação da contradição opressores-oprimidos, que é a libertação de todos. [...] A libertação autêntica, que é a humanização em processo, não é uma coisa que se deposita nos homens. Não é uma palavra a mais, oca, mitificante. É práxis, que implica a ação e a reflexão dos homens sobre o mundo para transformá-lo”.

táticas e estratégias dos oprimidos. O fórum é um jogo, é lúdico – uma maneira rica de aprendermos uns com os outros” (BOAL, 1998, p. 32).

Realizamos esta pesquisa em 2008 com duas turmas de 4ª série do Instituto Estadual de Educação Ponche Verde, localizado no município de Piratini/RS. Participaram um total de 42 estudantes. Após observarmos o recreio e os comportamentos de meninas e meninos, concluímos que as relações estabelecidas por eles e elas prejudicavam sua convivência. Inicialmente, propomos o seguinte questionamento às crianças: “Como é a relação entre meninos e meninas na escola?” A maioria dos(as) estudantes relatou que esta relação era “ruim”. Entre as situações citadas como ruins estavam as discussões, provocações, preconceito por meio das brincadeiras e das cores das roupas. Tornou-se evidente que havia uma influência cultural no modo de agir e pensar dos meninos e das meninas. Nas falas a seguir, observamos claramente esta afirmação. “Os meninos não brincam com as meninas e quando um brinca, os outros ficam mexendo e aí, ele sai da brincadeira” – afirmou Cristina. Já Felipe declarou: “Às vezes as gurias querem jogar futebol e os guris não querem porque eles acham que elas não sabem jogar”.

Propomos o Teatro-Fórum na perspectiva de darmos visibilidade a estas situações opressoras, na tentativa de avançar em direção a uma superação destas. As cenas construídas versavam sobre algumas das situações descritas anteriormente. Momentos reflexivos ocorreram durante a organização das apresentações e no transcorrer do fórum. Neste sentido, Freire (1983, p. 32) diz que a “educação deve ser desinibidora e não restritiva. É necessário darmos oportunidade para que os educandos sejam eles mesmos”. No momento em que as crianças compreendem a sua realidade, podem levantar hipóteses e refletir sobre o desafio desta realidade e assim, criar situações para transformá-las.

Ao final da pesquisa constatamos a melhoria substantiva das relações entre meninos e meninas na escola. Como exemplo, tomamos a fala de Priscila ao dizer que: “Achei que mudou muita coisa porque agora os guris estão deixando a gente jogar futebol. Antes [da realização do projeto] eles se achavam melhor que as gurias. Agora não porque o Teatro-Fórum ensinou isto, que devemos nos respeitar e ser amigos”. O depoimento de Fernanda segue na mesma direção: “Agora meninos brincam com meninas fazendo teatro e antes era menina brincando com menina e menino brincando com menino. [...] agora os meninos na sala de aula se encostam<sup>2</sup> com as meninas”. Consideramos que é importante pensarmos em práticas teatrais na escola que desvelem os preconceitos e as discriminações, buscando alternativas para superá-los; necessitamos mediar o

---

<sup>2</sup> A expressão “se encostar” foi utilizada pelas crianças para se referirem a ação de formar grupos na sala de aula, onde os educandos e as educandas “encostam” uma classe a outra.

desenvolvimento de uma consciência crítica que permita aos estudantes transformarem a realidade por meio de sua ação criadora, respondendo aos desafios que a sociedade apresenta.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOAL, Augusto. *Jogos para atores e não-atores*. 14. ed. Revisada e Ampliada. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

\_\_\_\_\_. *A Estética do Oprimido*. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

COSTA, Raquel Perpétua Pará da. *Coisas de meninos, coisas de meninas: o trabalho e as relações de gênero*. Dissertação (Mestrado) – UFPel. Pelotas: 2003.

FREIRE, Paulo. *Educação e mudança*. 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

\_\_\_\_\_. *Pedagogia do oprimido*. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

\_\_\_\_\_. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 16. ed. São Paulo: Paz e Terra. 2000.

\_\_\_\_\_. *A importância do ato de ler. Em três artigos que se completam*. 48<sup>a</sup>. ed. São Paulo: Cortez. 2006.

SHOR, Ira. FREIRE, Paulo. *Medo e Ousadia. O cotidiano do professor*. 10. ed. São Paulo: Paz e Terra. 2003.

VIANNA, Cláudia; RIDENTI, Sandra. Relações de gênero e escola: das diferenças ao preconceito. In: AQUINO, Júlio G. (Org). *Diferenças e preconceito na escola: alternativas teóricas e práticas*. São Paulo: SUMMUS, 1998, p. 93 - 105.